



SEÇÃO DO CANDIDATO

À

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 8-59

Coordenador: Cel JOÃO BINA MACHADO

SUMÁRIO

- I — A CAVALARIA NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO
- II — OS SERVIÇOS NA DEFENSIVA
- III — AS COMUNICAÇÕES DA DEFENSIVA

I — A CAVALARIA NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

1. APROVEITAMENTO DO ÊXITO

a. *Generalidades* :

(1). Na fase final de uma operação ofensiva, quando o inimigo cede ou se revela incapaz de continuar a opôr uma resistência organizada é iniciado o aproveitamento do êxito, caracterizado por ações que visam explorar as vantagens iniciais e a impedir a reorganização do adversário.

(2). Em um ataque é prescrito um objetivo inicial cuja posse caracteriza a ruptura ou desbordamento da posição inimiga.

Após a conquista dêste objetivo, é iniciado o aproveitamento do êxito na direção mais favorável, caracterizado pelo avanço sôbre objetivos mais profundos.

(3). A transação da fase do ataque para o aproveitamento do êxito geralmente é gradativa.

(4). O início do aproveitamento do êxito pode ser previsto com certa antecedência pela observação de alguns indícios, tais como :

- avanço continuado das tropas amigas numa direção decisiva;
- conquista de objetivos importantes;
- quantidade e estado moral dos prisioneiros capturados;

- montante do material abandonado;
- enfraquecimento das resistências inimigas, notadamente artilharia.

(5). O aproveitamento do êxito é caracterizado por avanços rápidos contra resistência fracas ou inexistentes, ataques freqüentes partindo da coluna de marcha, ultrapassamento ou envolvimento de fortes centros de resistência e encontro com reforços inimigos lançados à luta para deter a nossa progressão.

b. *Objetivos* :

Em princípio, os objetivos de aproveitamento do êxito, de um elemento de cavalaria, estão situados nas áreas de retaguarda do inimigo e podem ser :

- reservas inimigas ou posições de artilharia;
- PC, centros de comunicação, P Sup (instalações);
- pontos importantes do terreno, pontos críticos, como desfila-deiros, cruzamentos rodoviários, entroncamentos ferroviários, pontes, etc;
- junção com pequenas cabeças de ponte aéreas.

Não devem ser prescritos às tropas executantes objetivos intermediários, a menos que sejam essenciais para a conquista do objetivo final.

c. *Princípios* :

(1). A velocidade auxilia enormemente o sucesso do aproveitamento do êxito.

Quando uma tropa de aproveitamento do êxito se move rapidamente, o inimigo dificilmente poderá manobrar tropas com o objetivo de interferir seriamente na operação.

(2). Depois de iniciada a fase do aproveitamento do êxito, o comandante tem considerável liberdade de ação. A rapidez da ação exige decisões muito rápidas. Entretanto, mesmo descentralizando a operação de seus elementos subordinados, deve guardar a possibilidade de coordenar a atuação desses elementos quando necessário.

(3). A operação é descentralizada.

d. *Dispositivo* :

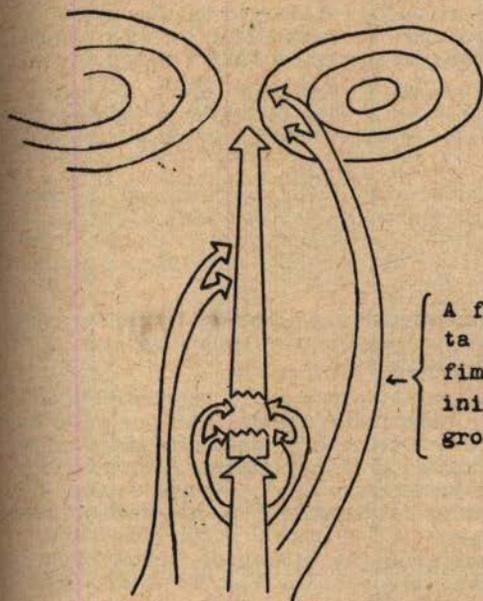
Geralmente o comandante da DC lança em primeiro lugar o R Rec Mec e em seguida o GTM ou constitui desde logo um GTMM.

Os demais GT avançam em um ou mais eixos.

Entretanto quando a situação, o terreno ou as condições atmosféricas não permitirem o emprêgo inicial dos elementos motomecanizados, poderão ser lançados em primeiro escalão unidades hipomóveis.

e. *Conduta* :

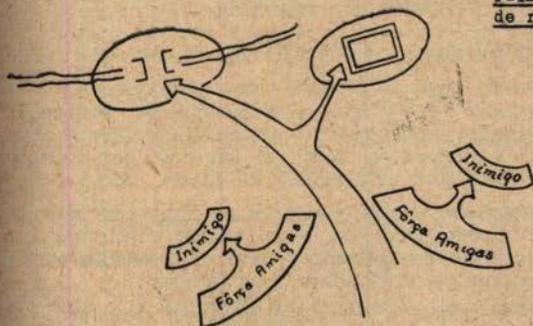
(1). O aproveitamento do êxito é desencadeado com todo vigor, sendo em vista apossar-se do objetivo designado com a máxima potência e no mais curto prazo possível.



A força envolvente conquista passagens obrigatórias a fim de cortar a retirada do inimigo e atacar a testa do grosso.

A força de pressão direta pressiona e desborda a retaguarda inimiga e ataca a cauda do grosso para obrigar o inimigo a parar e defender-se.

A força de aproveitamento do êxito ataca reservas inimigas, conquista passagens, etc, geralmente situadas nas áreas de retaguarda do inimigo



(2). As resistências inimigas encontradas são desbordadas, a menos que possam interferir no cumprimento da missão ou que a unidade tenha recebido ordem de atacá-las. A decisão de ultrapassar ou atacar resistências inimigas pertence ao comandante da DC, o qual, muitas vezes, delega essas atribuições aos comandantes de GT.

(3). Geralmente os GT atacam partindo da coluna de marcha depois de um limitado reconhecimento para conseguir o máximo de surpresa. Se esta não for conseguida a ação deve ser coordenada pelo comandante da divisão.

(4). Durante o aproveitamento do êxito, as tropas só realizam a limpeza de suas zonas de ação, apenas no que interessa à progressão. As resistências ultrapassadas devem ser informadas ao escalão superior. Neste caso deve ser deixado um elemento para manter o contato, que será substituído logo que possível.

(5). Ao atingir o objetivo prescrito a força de aproveitamento do êxito comporta-se de acordo com as ordens recebidas, podendo agir, tanto ofensivamente como defensivamente.

(6). Durante o aproveitamento do êxito os GT penetram em território inimigo ficando sujeitos a ataques e inquietações por parte do adversário. A segurança deve ser conseguida pela velocidade, adequada formação e uso de destacamentos de segurança. A proteção dos flancos deve ser encarada com particular cuidado, ficando a cargo dos próprios GT, caso outro elemento do grosso não tenha recebido esta missão.

(7). As informações que interessam ao comandante da divisão são fornecidas, principalmente, pelo R Rec Mec.

2. PERSEGUIÇÃO

a. Generalidades :

(1). A perseguição é desencadeada desde que o inimigo, não sendo mais capaz de manter suas posições, esforça-se por escapar à destruição, retirando-se.

(2). A direção de atuação de uma força de perseguição é orientada pelas ações do inimigo e deve avançar na direção de sua retirada.

(3). A finalidade da perseguição é o aniquilamento das forças inimigas; isto, entretanto, raramente será atingido se o inimigo for comprimido diretamente sobre suas vias de escape.

(4). A perseguição é realizada por uma força de pressão direta e por uma ou mais forças de cerco, estas últimas procuram envolver o inimigo que se retira, a fim de cortar suas linhas de retirada e atacá-lo por todos os lados.

(5). A força de pressão direta exerce uma pressão contínua e forte sobre o inimigo. Procura destruir, desbordar ou envolver os destacamentos retardadores ou retaguardas inimigas para obrigar o grosso a parar e defender-se.

(6). A força de cerco procura interpor-se na linha de retirada do inimigo; avança por eixos paralelos para barrar o inimigo nos pontos importantes do seu eixo de retirada. Caso não consiga barrar o inimigo em pontos importantes, atua sobre seus flancos.

(7). A perseguição é exercida sem tréguas nem descanso, até o limite extremo das forças. Deve ser continuado mesmo à noite, a fim de impedir que o inimigo se retire sob sua projeção.

b. Conduta :

(1). Uma DC na perseguição pode fazer parte de uma força de cêrco ou de pressão direta de outra grande unidade, e, pode ainda, receber uma missão isolada de perseguição.

(2). A DC quando constitui a força de pressão direta, cumpre sua missão, avançando em larga frente para cerrar sôbre o adversário. Lança em primeiro escalão, se o terreno e as condições atmosféricas permitirem, o R Rec Mec que procura desbordar os destacamentos retardadores inimigos para tomar contato com as colunas adversas que se retiram. Avança com os demais GT em larga frente para obrigar o inimigo a parar e defender-se.

(3). A DC quando constitui uma força de cêrco, cumpre a sua missão como no aproveitamento do êxito, até o local em que deve interceptar o inimigo. Caso não consiga ultrapassar as colunas adversas, ataca vigorosamente seus flancos.

Os elementos motomecanizados e os blindados que, eventualmente, reforçam a DC, têm grande oportunidade de emprêgo nesta fase da perseguição.

(4). A DC isolada em missão de perseguição, avançar rapidamente para estabelecer o contato e obrigar o inimigo a parar. Esta ação frontal normalmente é atribuída aos GT hipomóveis. Combina a ação frontal com ações desbordantes ou envolventes que têm em vista bloquear os itinerários de retirada e apressar seu isolamento e destruição. Estas últimas ações, sempre que o terreno permite, são, normalmente, atribuídas aos elementos motomecanizados da divisão que podem ser constituídos em GT (RCM, R Rec Mec e GO 105).

*
* *

SENHORES ASSINANTES

Em virtude da elevação do preço do papel não nos será possível, manter em 1960, nossa assinatura, por sòmente cem cruzeiros.

Oferecendo a nossos camaradas uma revista com mais de duzentas páginas, consumimos — só em papel — sete cruzeiros por volume que entregamos a oito cruzeiros.

Aguardamos suas sugestões.

II — OS SERVIÇOS NA DEFENSIVA

1. GENERALIDADES

Segundo a doutrina defensiva temos a organização de uma Posição de Resistência (HR) que deve ser defendida a todo o custo, inclusive procurando fazer o inimigo retrair-se mediante ações ofensivas e a utilização de forças à frente com a finalidade de retardar e desorganizar o avanço inimigo e de iludi-lo quanto à verdadeira posição da PR.

Dentro desta idéia, três são os elementos a considerar numa posição defensiva.

a. Forças de Segurança (Aviação, Forças de Cobertura, PAG e PAC);

b. Posição de Resistência (PR);

c. Reserva, destinada ao aprofundamento da defesa ou às ações ofensivas.

Desta forma é fácil concluir que os serviços devem se desdobrar por forma a bem apoiar o dispositivo acima, malgrado as flutuações naturais da própria atitude adotada.

2. CARACTERÍSTICAS TÁTICAS DA DEFENSIVA

Constituem características táticas da defensiva :

a. Manobra definida em linhas gerais;

b. Frentes largas, se comparadas à ofensiva;

c. Situação de estabilidade em face de organização de uma PR;

d. Aspecto dinâmico;

e. Possibilidade de passar rapidamente à ofensiva, o que acarreta certos reflexos para os serviços.

3. REFLEXOS PARA OS SERVIÇOS

a. Máxima centralização;

b. Amplo escalonamento em largura e profundidade;

c. Máximo desdobramento dos serviços;

d. Grande necessidade de segurança contra a ação de Artilharia, de Força Aérea, pára-quedistas e sabotadores;

e. Flexibilidade que permita atender às mudanças de atitude e às flutuações de combate.

4. REGRAS DE ARTICULAÇÃO E DESDOBRAMENTO DOS SERVIÇOS

Durante a defensiva, os serviços funcionam e desdobram-se atendendo às seguintes regras :

a. O desdobramento e a instalação dos órgãos dos serviços são feitos ao longo das vias de transportes satisfeitas as imposições de segurança, segredo e disfarce.

b. Aproveitamento das zonas cobertas pela defesa antiaérea e na sua ausência, afastamento das instalações facilmente identificáveis pelo inimigo.

c. Obediência aos seguintes limites:

(1) *Longo*: o fixado pelo escalão superior e condicionado ao raio de ação, a capacidade, e disponibilidade dos meios de transporte.

(2) *Curto*: fora do alcance da Artilharia de Campanha do inimigo, devem ficar os órgãos de serviços, e fora das vistas inimigas

e do alcance de suas armas automáticas, as instalações regimentais de serviço.

d. O desdobramento deve permitir o funcionamento de todos os meios de serviços, mantendo-se em reserva somente os órgãos indispensáveis ao apoio dos contra-ataques.

e. Deve haver um aperfeiçoamento progressivo e continuado das instalações.

f. O dispositivo realizado deve permitir que se passe à ofensiva sem perda de tempo.

5. NECESSIDADES DA DEFENSIVA

Tendo em vista as características da defensiva, as suas necessidades maiores, são:

a. *Suprimentos* :

(1). Classe I

A ração normal-quente, deve ser a constante preocupação do comando por ser a mais compatível com a situação e seu aspecto moral.

(2). Classes II e IV

O material de classe II deve ser repletado ou substituído, dadas as características de duração e estabilidade.

Quanto aos artigos de classe IV, temos um largo emprego, principalmente o material de Engenharia necessário à realização do Plano de Barreiras e à organização do terreno.

(3). Classe III

Há um pequeno consumo desta classe, pois, sendo uma situação de certa estabilidade as necessidades em combustível se reduzem a gasolina exigida para os transportes de suprimentos, de evacuação e os de rotina além das exigências relativas aos serviços gerais.

Aqui não encontramos, como é o caso da ofensiva, movimentos de GU através grandes extensões de terreno que redundam no alargamento progressivo das linhas de transportes.

(4). Classe V

A realização dos suprimentos é feita em noites sucessivas o que faz diminuir a inconveniência das grandes distâncias em que se encontram os P Sup e o grande consumo de munições e explosivos.

b. *Evacuação* :

(1). De pessoal e animais

A estabilidade da operação aliada a uma porcentagem de perdas reduzidas acarretam grandes facilidades para a evacuação de pessoal e animais.

O desdobramento do SS e S Vet toma desde o início um aspecto definitivo para atender a uma situação definida e estável.

Quando a largura da frente e a situação da rede de estradas indicarem, poderão ser instalados desde logo, mais de um P Trg D/P Ex Trg, pois, não há necessidade de conservar esses meios em reserva.

(2). De material

A evacuação de material é reduzida, particularmente devido ao decréscimo de material capturado.

c. *Transportes* :

As larguras das zonas de ação e as distâncias dos P Sup e P Distr obrigam uma grande atividade dos transportes. Esta exigência é compensada pela progressividade de realização dos suprimentos.

6. DEFENSIVA EM LARGA FRENTE

a. Constitui problema sério, o apoio às forças combatentes e a defesa das instalações à retaguarda.

b. A localização das instalações dos serviços subordinam-se a três fatores principais:

- missão de apoio, obrigando a nação recuar muito;
- defesa das instalações;
- necessidade de dispersão

que na defensiva em larga frente apresentam-se de forma antagônica, porquanto:

— a dispersão das tropas combatentes obrigam os Sv a correr de um lado para outro para poderem proporcionar-lhes um eficiente apoio logístico;

— a concentração dos Sv junto dos núcleos defensivos proporcionam-lhes proteção suficiente, entretanto, ficarão alguns outros núcleos sem um apoio logístico eficiente;

— a concentração das instalações de Sv muito à retaguarda dá-lhes boa segurança, porém, o apoio logístico será deficiente. Esta atitude é tomada quando a aviação inimiga é fraca ou quase nula como foi o caso da Coréia, no início das hostilidades.

c. A segurança das instalações é normalmente conseguida:

- por uma localização adequada que proporcione auto-defesa;
- entendimento perfeito com o chefe EM geral de forma a poder proporcionar uma eficiente defesa por tropas combatentes;
- pela existência de um Cmt nas áreas, onde haja mais de uma instalação de Sv.
- pela proteção aos comboios de suprimentos.

d. A eficiência do apoio logístico é função de um planejamento adequado e que deve ter em vista:

- tipo e quantidade de suprimento a ser colocado nos diferentes pontos (cl V — I — água);
- previsão de maior consumo e alerta ao escalão superior, das necessidades;
- preparo do suprimento aéreo de emergência dos núcleos cercados.

7. CONCLUSÕES GERAIS

a. Na defensiva surge a tendência de desdobrar os diversos órgãos de Serviços Divisionários o mais recuados possível, tendendo para o limite longo da faixa de desdobramento, não só porque não há previsão de avanço como no caso de ataque, mas também porque é necessário fugir às flutuações da frente, e mais ainda, porque a artilharia inimiga, com seu desdobramento avançado, estará em condições de colocar seus tiros em maior profundidade dentro do nosso dispositivo. Tal consideração nos leva a tomar como limite anterior de desdobramento dos principais órgãos de serviço, a orla posterior da posição.

b. A defesa em larga frente cria necessidades adicionais para os transportes e os suprimentos, exigindo conseqüentemente cuidadoso planejamento e máxima coordenação.

Os diferentes fatores antagônicos (missão de apoio, possibilidade de defesa, dispersão) devem constituir objeto de estudo dos E4/S4 e chefes de serviços, a fim de poderem chegar ao melhor equilíbrio entre si (coordenação).

III — AS COMUNICAÇÕES NA DEFENSIVA

1. GENERALIDADES

a. A amplitude do sistema de comunicações na defensiva, é condicionada principalmente pelo tempo disponível antes do ataque inimigo.

b. Assim, em um combate de encontro, ainda preponderam os meios empregados durante a marcha, porque, sendo o tempo reduzido, não é possível o estabelecimento de um sistema de comunicações com fio capaz de substituir convenientemente aqueles meios: Rádio e Mensageiro Especial.

c. Quando há grande disponibilidade de tempo ou à medida que se estabilizam as operações, o sistema de comunicações com fio se expande ao máximo e os outros meios passam a desempenhar papel secundário.

d. A necessidade de maior Segurança por quem se encontra em situação de inferioridade de meios e, a possibilidade de estabelecimento das comunicações com fio decorrente da característica de estabilidade das operações, acarreta severas restrições ao emprego do rádio na defensiva.

e. Essa mesma estabilidade vem, por outro lado, possibilitar o emprego mais-econômico dos mensageiros, isto é, ao invés dos mensageiros especiais, os de escala.

f. Em síntese: na Defensiva o esforço das comunicações recai sobre o Fio, suplementado pelos Mensageiros de Escala.

O rádio e os mensageiros especiais, embora em condições de serem empregados a qualquer momento, têm o seu emprego dependendo quase que somente da precariedade das comunicações com fio, seja por falta de tempo para o estabelecimento de um sistema eficiente seja por interrupções nesse sistema.

2. LOCALIZAÇÃO DOS PC

Mais recuados que no ataque, devem beneficiar-se da proteção proporcionada pelas U subordinadas e ficar a salvo das penetrações inimigas de pequeno vulto. Em geral, o PC de cada escalão fica situado nas imediações dos núcleos de aprofundamento estabelecidos pelo escalão considerado. Devem ser previstos e preparados locais para PC de muda; êsses locais serão ocupados nas situações difíceis, provocadas pela atuação sistemática, da Art ou Av inimigas ou pelas penetrações de maior vulto.

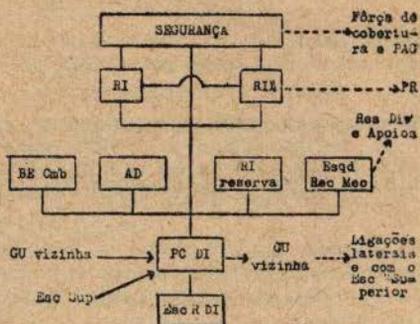
Em qualquer situação deve o PC permitir o exercício normal da ação de comando. Um local que atenda a esta finalidade e que propicie relativa segurança ao Comando é um bom local para um PC.

3. C COM

Como nas demais operações, a cada escalão do QG corresponde um C Com. Não é comum o estabelecimento de C Com A na defensiva.

4. LIGAÇÕES NECESSÁRIAS

a. As ligações necessárias a uma DI são normalmente as seguintes:



b. No âmbito de um regimento encarregado da defesa de um subsetor cabe, dentre as ligações necessárias, ressaltar que :

(1). Dever ser estabelecidas ligações entre os BI de 1º escalão (guarnições de defesa).

(2). A ligação com os PAC será estabelecida pelo elemento que estabeleceu os PAC: BI do 1º escalão ou RI (caso sejam estabelecidos com Elm do BI reserva).

(3). O sistema de Com no âmbito dos PAC é semelhante ao estabelecido pelas U da PR.

5. MEIOS DE COMUNICAÇÕES

a. Fio :

(1). No RI: Uma turma de construção da Cia Com constrói e mantém 2 ou mais circuitos entre a DI e o Regimento. O Pel Com do RI constrói 2 ou mais circuitos para cada BI da PR e 1 ou mais circuitos para a Cia Mrt 4.2. O BI Reserva, os PAC, o PO, as U em apoio e as em reforço também participam do sistema com fio do RI. O RI constrói ou se beneficia de ligação com fio para o RI vizinho (normalmente 2 circuitos laterais).

(2). No BI: O Pel Com do BI constrói 1 ou mais circuitos para cada Cia e para o PO; as U em apoio e em reforço e os PAC, quando estabelecidos pelo BI, participam do seu sistema com fio. O BI constrói ou se beneficia de ligação com fio para o BI vizinho (normalmente 1 circuito lateral).

(3). Na Cia Fz: Fio para todos os pelotões, para os órgãos de apoio de fogo e PO.

(4). São interrompidas ao cruzarem a Pos as linhas que penetram em território ocupado pelo inimigo.

b. Rádio :

A segurança pode impor restrições ao emprêgo dêste meio até o contato do inimigo com a posição.

Quando existe um bom sistema de comunicações com fio, o rádio fica "em silêncio", em condições de ser empregado no caso de interrupção ou deficiência do sistema com fio.

c. Mensageiro :

Suplementa os meios elétricos.

(1). Especial: durante a ocupação da Pos ou nas interrupções do sistema com fio, particularmente.

(2). De escala: logo que a posição se torna estabilizada.

d. *Comunicações óticas e acústicas*

Empregadas de acôrdo com as IE Com.

6. COMUNICAÇÕES NAS SUBSTITUIÇÕES

a. O PC da U substituída deve ser ocupado, não só pela economia de meios que isto representa como também por uma questão de segurança. A substituição representa um período crítico nas operações e a mudança do local do PC nessa ocasião é considerada um risco que poderá acarretar a perda de contrôle e conseqüentemente da segurança.

b. O oficial de Com do regimento deve tomar as seguintes providências:

(1). Precede o seu regimento e entra em contato com o Of Com da U substituída, a fim de familiarizar-se com o sistema de Com já existente.

(2). Aciona elementos de construção de linhas pelos diferentes itinerários dos circuitos a fim de que se familiarizem com as linhas já construídas.

(3). Realiza entendimentos sôbre a troca de equipamento e do fio já instalados; o equipamento que requer instalação demorada deve ser trocado.

(4). Recebe do substituído o diagrama de circuitos, a carta de itinerários de linhas, o diagrama do tráfego, os esquemas das rêsdes rádio e informações referentes aos itinerários dos mensageiros.

c. *Troca de equipamento :*

(1). *Comunicações com fio*

(a). O fio já instalado na posição é entregue à unidade que substitui. A U substituída recompleta sua dotação no S Com de sua GU.

(b). Telefones e centrais que retirados acarretem interrupções no sistema são trocados, isto é, a U substituída recebe igual equipamento da U substituída; o mesmo critério se aplica ao equipamento instalado em locais distantes ou de difícil acesso.

(2). *Rádio*

(a). Todos os rádios das rêsdes de Comando da U substituída e seus operadores prosseguem em seus trabalhos normais até que a substituição se tenha completado.

(b). Aos rádios localizados em locais de difícil acesso é aplicado o processo de troca do material.

d. A unidade substituída toma a si a responsabilidade pelo sistema de Com no momento em que o seu Cmt assume a responsabilidade da defesa do subsetor.

DESENVOLVE-SE A PASSOS LARGOS A INDÚSTRIA NACIONAL DO PETRÓLEO

PETROBRÁS: EMPREENDIMENTO VITORIOSO EM TÓDA A LINHA

A indústria nacional do petróleo tem se desenvolvido a passos largos sob a égide do monopólio estatal, instituído no país há pouco menos de seis anos.

As metas do petróleo, fixadas pelo governo do Presidente Juscelino Kubitschek, estão sendo cumpridas. Uma delas — a da produção de óleo bruto — prevista, inicialmente, para 40.000 barris diários em 1960, chegou mesmo a ser atingida com alguns anos de antecedência. Nova meta foi então fixada — 110.000 barris em 1961 — tudo indicando que a "Petrobrás" a alcançará possivelmente antes do prazo previsto.

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

Em 1954, a produção brasileira de petróleo não chegou a atingir 1 milhão de barris. No ano seguinte — o primeiro de atividade plena da "Petrobrás" — alcançou mais de 2 milhões de barris, índice que foi duplicado em 1956. Em 1957, subiu ainda mais, pois fixou-se em 10 milhões de barris, beirando, no ano passado, a casa dos 19 milhões de barris.

De janeiro a julho do corrente ano, foram produzidos 12.593.387 barris de petróleo no Recôncavo Baiano, ou seja, 2.728.260 barris a mais do que em igual período de 1958.

A média da produção diária dos campos petrolíferos daquela região, de janeiro a julho de 1959, atingiu 59.504 barris. Em 1958, considerando o mesmo espaço de tempo, essa média foi de 46.506 barris. Atualmente, é da ordem de 75.000 barris, devendo alcançar, até o fim do ano, 100.000 barris.

EXPANSÃO DAS RESERVAS

As reservas brasileiras de óleo bruto vêm aumentando de ano para ano, em uma proporção que permite encarar o futuro da indústria petrolífera nacional com otimismo cada vez maior. O crescimento dessas reservas verificou-se de modo especial após a criação da "Petrobrás", quando o incremento das atividades de pesquisa resultou na descoberta

de novos campos, permitindo, por outro lado, uma reavaliação mais freqüente das áreas já conhecidas.

Em 1954, quando a "Petrobrás" iniciou suas atividades, o petróleo existente nos campos do Recôncavo Baiano era calculado em 50 milhões de barris. De então para cá, êsse volume multiplicou-se várias vêzes, já havendo as reservas recuperáveis ultrapassado a casa do meio bilhão de barris. Com efeito, a última avaliação procedida nos campos produtores da Bahia, a 30 de junho passado, acusou a existência de reservas da ordem de 511 milhões e 600 mil barris.

Convém salientar que não foram incluídas nesta avaliação as áreas de Taquipe, Cassarongongo e Buracica, recentemente descobertas, onde a "Petrobrás" ainda não deu por encerrados os estudos que permitirão calcular a capacidade das jazidas ali localizadas.

REFINAÇÃO

No tocante à produção de derivados, não são menos auspiciosos os resultados obtidos pela "Petrobrás". Enquanto vão chegando ao fim as obras de ampliação da Refinaria Landulpho Alves, em Mataripe, na Bahia, que a capacitarão a operar 52.000 barris diários de petróleo, entram em ritmo acelerado os trabalhos de construção da Refinaria Duque de Caxias, no município do mesmo nome, no Estado do Rio, onde serão processados, inicialmente, 90.000 barris por dia.

A Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, São Paulo, assegura ao Brasil uma economia anual de divisas superior a 36 milhões de dólares, com sua operação diária de 95.000 barris de petróleo.

A produção nacional de derivados atende, nas seguintes bases, à demanda do consumo interno:

Gás liquefeito — 82,4%; gasolina (comum e extra) — 83,7%; que-rosene — 42,8%; óleo diesel — 34,9%; óleo combustível — 70,8%; as-falto — 100%.

Concluída a ampliação da Refinaria Landulpho Alves, passará essa unidade industrial da "Petrobrás" a produzir também óleos lubrificantes e parafina.

Esses dados são altamente significativos, por isso que, até há pouco, em matéria de derivados de petróleo, o Brasil importava tudo. Hoje, o país caminha a passos largos para a auto-suficiência no setor da refi-nação.

PETROQUÍMICA

As atividades da "Petrobrás", extremamente diversificadas, abrangem também o campo da indústria petroquímica. Vale citar aqui a Fábrica de Fertilizantes de Cubatão, em operação desde o ano passado, cuja capacidade de produção é de 340 toneladas diárias de nitrocálcio, adubo de excelente qualidade, com alto teor de nitrogênio.

No momento, a "Petrobrás" dá início à construção, no município de Caxias, no Estado do Rio, de uma fábrica de borracha sintética, cuja capacidade de produção será de 40.000 toneladas anuais. O Brasil muito lucrará com êsse empreendimento. Basta dizer que a operação da referida fábrica proporcionará uma economia de divisãs da ordem de 10 milhões de dólares anuais.

TRANSPORTE MARÍTIMO

Um dos setores da "Petrobrás" que mais se desenvolveram foi a Frota Nacional de Petroleiros. Em 1956, o seu expoente de carga era de cerca de 224.000 toneladas. Hoje, é de 303.650 toneladas.

O Japão está construindo para a "Petrobrás" 3 superpetroleiros de 33.000 toneladas. A Holanda está ultimando uma encomenda de 4 navios dêsse tipo, 2 dos quais já foram entregues. E a Dinamarca constrói para a "Petrobrás" 6 petroleiros de 10.000 toneladas. Vale dizer, até 1961, a Frota Nacional de Petroleiros receberá um refôrço da ordem de 200.000 toneladas.

FORMAÇÃO DE PESSOAL

A "Petrobrás" dedica especial cuidado ao preparo de técnicos para a indústria nacional do petróleo. Vários são os cursos de pós-graduação, com tal finalidade, em funcionamento no Rio de Janeiro e na Bahia. Também o pessoal de nível médio recebe adequada preparação, através de cursos especiais, alguns dos quais ministrados, em regime de convênio, por instituições altamente qualificadas, como as escolas técnicas.

Empreendimento vitorioso em tôda a linha, a "Petrobras" é o mais seguro instrumento de nossa emancipação econômica. Dizer que sua tarefa é fácil seria ignorar os complexos dados da questão do petróleo. Dizer também que a "Petrobrás" não será capaz de cumprir, integralmente, sua missão seria fechar os olhos à realidade dos seus indiscutíveis sucessos. O Brasil sabe que pode confiar na grande empresa criada para lhe assegurar um magnífico futuro.